

MESA 1: RELATORIA

PABLO QUINTERO¹
UFRGS

As boas-vindas ao evento foi feita pela coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), Patrice Schuch. Com uma apresentação afetuosa, a coordenadora abriu o encontro agradecendo a presença dos convidados e manifestando sua alegria de que uma atividade como essa estivesse se realizando na UFRGS. Depois das bonitas palavras da professora Patrice Schuch, as saudações foram dadas pelos palestrantes da sessão da manhã, destacando-se as falas de Antônio Carlos de Souza Lima, conhecido professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atual presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e do professor Sergio Baptista da Silva, o coordenador do Comitê de Ações Afirmativas do PPGAS-UFRGS. O primeiro deles apontou o destaque da UFRGS como uma das instituições educativas mais avançadas em relação às políticas de ações afirmativas no Brasil. Por sua parte, o professor Sergio Baptista agradeceu as presenças e também deu fraternas boas-vindas para os participantes do encontro.

Depois dessa apresentação geral, o professor Antônio Carlos de Souza Lima fez uma fala sobre a história no Brasil acerca do debate das cotas para índios e negros, especificamente dentro da ABA. Começou

¹ Possui Graduação em Antropologia pela Universidad Central de Venezuela (2004), Mestrado em Ciências Sociais pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (2008) e Doutorado em Antropologia pela Universidad de Buenos Aires (2013). Atualmente é pós-doutorando PNPd/CAPES e pesquisador associado ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br.

destacando as primeiras bolsas da Fundação Ford para estudantes em condições de desigualdade e a partir dali foi discutindo sobre as políticas educativas e a exclusão como um problema estrutural que não pode ser resolvido somente através de bolsas. Em seguida, relatou de que formas alguns dos programas de pós-graduação no Brasil estão no momento trabalhando com as problemáticas das cotas e das ações afirmativas. O professor Lima destacou os desafios e as problemáticas que ainda precisam se resolver e o longo caminho que ainda temos adiante, e assinalou que esses desafios não são somente responsabilidade das universidades. Além disso, também afirmou que as ações afirmativas chegaram para ficar nos debates acadêmicos e políticos.

A próxima fala foi, na verdade, um texto escrito pelo aluno cotista de mestrado em Antropologia da UFRJ Anderson Lucas da Costa Pereira, que foi lido pelo professor Sergio Baptista da Silva, já que Anderson não pôde comparecer ao encontro. No texto, feito em forma de autobiografia, Anderson relatou uma trajetória de vida difícil em condições de pobreza, seu longo caminho e seus muitos esforços para conseguir estudar na universidade. Sem dúvida foi um texto emocionante e que, pela sua sensibilidade e sinceridade, comoveu o público presente. O texto autobiográfico teve o efeito de resumir com palavras claras uma trajetória de vida onde a possibilidade de acessar a universidade é tanto um sonho pessoal como uma reivindicação política que enfrenta não somente os problemas de ingresso na universidade, mas também, no caso de Anderson, o racismo estrutural da sociedade brasileira.

Depois da leitura do texto de Anderson, foi a vez da professora Marcela Coelho de Souza, da Universidade de Brasília (UnB). Seguindo as falas anteriores, a professora apontou o racismo institucional como a problemática principal das ações afirmativas, incluindo nestas as políticas de avaliação que, segundo a palestrante, são os dispositivos institucionais encarregados de rejeitar o ingresso e a continuidade dos alunos cotistas nas universidades. Baseada em dados estatísticos, a professora demonstrou a necessidade de repensar esses dispositivos de avaliação. Neste sentido, falou sobre a possibilidade e a necessidade das universidades de reconhecer outras trajetórias e experiências de vida não

escolarizadas como formas de conhecimentos válidos e importantes. A partir daí, relatou as experiências de ações afirmativas na Universidade de Brasília nos anos recentes.

Também da UnB, mas estudante do programa de doutorado em Antropologia, o indígena Francisco Apurinã, originário da terra Kamicuã, no município de Boca do Acre (Amazonas), apresentou suas experiências como bolsista e cotista na UnB, desde sua graduação até seu atual doutorado. Através de sua história de vida, Francisco Apurinã contou como sua inserção na universidade foi feita como parte de uma ação reivindicativa da sua comunidade e como ele a representava dentro da UnB; assim, sua trajetória pessoal foi relatada por ele como uma trajetória comunitária e não individual. Desta forma, destacou a importância de ter pessoas originárias das terras indígenas que estejam formadas na academia e que possam ajudar a suas comunidades através dos conhecimentos aprendidos. O doutorando também destacou os desafios identitários de ser indígena e estudar na universidade, relatando o processo de vergonha étnica e afastamento de sua cultura no primeiro momento de sua experiência na universidade, e depois seu retorno e reaproximação a suas origens culturais.

A próxima palestrante, a professora Ana Elisa Freitas, da Universidade Federal de Paraná (UFPR), apoiando-se nas intervenções anteriores, falou sobre a necessidade de reconhecer nas universidades os saberes e epistemologias indígenas como parte das ações afirmativas. Para Freitas, nesse ponto se encontra a problema central do reconhecimento à diferença, que extrapola as universidades e que forma parte de um problema social geral. A professora também destacou que uma necessidade urgente é a de lograr que os estudantes cotistas, especialmente os indígenas, tenham mobilidade a suas comunidades nas férias, coisa que não acontece pela escassez de recursos econômicos e que ajudaria para que os estudantes mantivessem um constante vínculo com as suas comunidades. Freitas também falou sobre a necessidade de integrar a temática do bem-viver nas universidades como uma ecologia institucional que pensasse a educação como parte do bem-viver.

Retomando o final da intervenção da professora Freitas, a importante liderança e intelectual indígena Ailton Krenak tomou a palavra e começou referindo-se às diferenças entre o bem-viver das tradições indígenas e a ideia moderna do “bem-sucedido” ligado às ideologias liberais. A partir disso, Krenak fez uma crítica a alguns dos programas do Estado que estão desenhados e feitos para resolver de forma tímida as desigualdades sociais e as condições de vida das populações excluídas, mas não para solucionar estruturalmente essas condições. Neste sentido, o discurso de Krenak se articulou para repensar as ações afirmativas. Sua fala curta, mas profunda e direta, foi sem dúvida um excelente fechamento para a primeira sessão do programa.

Recebido em: 14/11/2015 * Aprovado em: 14/12/2015 * Publicado em: 31/12/2015
